

Os movimentos feministas no Japão e as escritoras mulheres em destaque

Eunice Suenaga



Formada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, no curso de Letras-Japonês e Português, é Mestre e Doutora pela Graduate School of Arts and Sciences da Universidade de Tóquio. Abordou, em sua tese de Doutorado defendida em 2011, a obra clássica da Literatura Japonesa, as *Narrativas de Genji*, considerada o primeiro romance do mundo. Traduziu obras como *O incolor Tsukuru Tazaki e seus anos de peregrinação* e *Homens sem mulheres*, de Haruki Murakami. Atualmente leciona as disciplinas de língua portuguesa e tradução na Universidade da Província de Aichi.

E-mail: etsuenaga@gmail.com,
eunice_suenaga@for.aichi-pu.ac.jp

Resumo

O artigo trata dos movimentos feministas atuais do Japão, e das escritoras femininas contemporâneas em destaque. No Japão o movimento *#MeToo* pareceu ter recebido pouca adesão das mulheres japonesas no início, mas ele está ganhando força e um número cada vez maior de mulheres está tendo coragem de denunciar as violências e os abusos sexuais sofridos. O artigo visa apresentar os recentes movimentos feministas do Japão: o caso da Shiori Ito, considerada um dos símbolos do movimento feminista no Japão, que denunciou que fora vítima de estupro cometido por um influente jornalista; o *Flower Demo*, um protesto realizado todo mês em várias cidades do país, pedindo o fim da violência e abusos sexuais; e o movimento *#KuToo* que pede que as mulheres não sejam obrigadas a usar sapatos de salto alto no trabalho, sem nenhuma necessidade plausível. O artigo cita também os esforços das universidades públicas em aumentar o número de estudantes mulheres, criando cotas para mulheres, ou no corpo docente ou discente, e destaca algumas escritoras femininas contemporâneas: Rieko Matsuura, Yoko Tawada, Mieko Kawakami, Yoko Ogawa e Sayaka Murata.

Palavras-chave

mulheres japonesas, movimento feminista, escritoras japonesas, Japão, contemporaneidade.

Os movimentos feministas no Japão e as escritoras mulheres em destaque

Por muitos anos, quando se falava em escritores japoneses, os mais lembrados eram sempre homens: Soseki Natsume, Yukio Mishima, Junichiro Tanizaki, Yasunari Kawabata, entre outros. A grande maioria dos candidatos e vencedores dos dois principais prêmios literários do país, Akutagawa e Naoki, também era homem. Mas esse cenário vem mudando aos poucos e, na última edição desses dois prêmios, 167ª, anunciada em julho de 2022, destacaram-se escritoras femininas: todas as cinco indicadas ao Akutagawa foram mulheres, e quatro dos cinco indicados ao Naoki também. Junko Takase ganhou o Prêmio Akutagawa com o romance *Oishii gohan ga taberaremasuyoni* (Que tenhamos uma refeição deliciosa, em tradução livre), e Misumi Kubo conquistou o Naoki com o seu livro de contos *Yo ni hoshi wo hanatsu* (Lançando estrelas no céu noturno, em tradução livre).

A sociedade japonesa ainda enfrenta um sério problema de desigualdade de gênero. No relatório *Global Gender Gap Report* do World Economic Forum sobre a igualdade de gênero, divulgado em 2022, o país ocupa a 116ª posição entre 148 países (como referência, o Brasil ocupa a 94ª posição)ⁱ. Nesse relatório, as mulheres japonesas são bem colocadas nas áreas de educação e saúde, mas ficam bem aquém nas áreas de participação econômica e de política. Isso pode ser verificado também em pesquisas: as mulheres ganham em média 22,5% menos dos que os homensⁱⁱ, e a sua participação política é extremamente baixa em comparação à dos outros países da OCDE: em outubro de 2022, as mulheres representavam aproximadamente 10% e 25% dos membros das câmaras alta e baixa, respectivamenteⁱⁱⁱ.

O movimento #MeToo no Japão

O movimento #MeToo que ganhou força nos Estados Unidos em 2017 pareceu ter recebido pouca adesão das mulheres japonesas no início, mas os seus efeitos podem ser sentidos cada vez mais nos dias de hoje.

O marco mais importante dessa nova onda começou em 2017, quando a jornalista Shiori Ito denunciou, numa entrevista coletiva, que fora vítima de estupro cometido por um jornalista influente, Noriyuki Yamaguchi. No mesmo ano ela lançou o livro *Black box*, mostrando os obstáculos que as vítimas de violência sexual enfrentam quando decidem, com muita coragem, fazer a denúncia. Shiori conseguiu a proeza de ter o seu caso investigado pela polícia depois de ser desencorajada, pela própria polícia, a denunciar o agressor, após passar pela humilhação de ter que relatar inúmeras vezes o ocorrido a vários policiais e investigadores em diferentes situações, depois de insistir para que as câmeras de segurança do hotel fossem analisadas e as testemunhas fossem ouvidas. E quando, finalmente, foi emitido um mandado de prisão contra o seu agressor, no dia previsto da prisão Shiori foi informada que o mandado fora revogado de forma inexplicável. Nem os investigadores encarregados souberam explicar o motivo e o processo foi arquivado.



Foto 1: *Black Box*, de Shiori Ito, lançado em 2017, pela editora Bungeishunju (Créditos: Editora Bungeishunju Ltd.)

Posteriormente, o chefe da polícia, próximo aos governantes da época, admitiu que fora ele quem revogara o mandado. Inconformada com a decisão, Shiori decidiu apresentar recursos à promotoria em maio de 2017, para ter o seu caso reanalisado, ao mesmo tempo em que realizou uma entrevista coletiva mostrando o seu rosto e revelando o seu nome pela primeira vez. Nesse ano, 2017, a revisão do código penal referente ao crime de estupro, promulgado havia mais de 110 anos, estava em discussão. Shiori desejava que a lei arcaica criada na época em que o país ainda vivia uma sociedade patriarcal fosse revista, para que as vítimas de violência sexual não precisassem mais suportar o sofrimento e a dor caladas ^{iv}.

Shiori recebeu apoio de várias pessoas, principalmente de mulheres, mas também recebeu uma enxurrada de críticas, além de ser vítima de calúnia e difamação e de incontáveis *fake news*.

O processo criminal foi arquivado, mas em dezembro de 2019 Shiori ganhou a ação civil movida contra o jornalista Noriyuki Yamaguchi, que foi ordenado a lhe pagar uma indenização de 3,3 milhões de ienes pelo Tribunal Regional de Tóquio, que reconheceu que houve sexo não consentido. Em janeiro de 2022 a decisão da Primeira Instância foi mantida na Segunda Instância, no Tribunal Superior de Tóquio, e posteriormente foi confirmada também pela Suprema Corte, em julho do mesmo ano.

A coragem da Shiori, em fazer a denúncia pública numa sociedade em que as vítimas de violência sexual são incentivadas a permanecer em silêncio e a seguir a sua vida como se nada tivesse acontecido, chocou a todos. Mas no mesmo ano, em 2017, com a deflagração do movimento *#MeToo* a partir das alegações de assédio sexual em Hollywood, o caso da Shiori ganhou maior destaque tanto no Japão como no exterior. Em 2018, o canal de notícias britânico BBC fez um documentário sobre o seu caso, “Japan’s Secret Shame (A vergonha secreta do Japão, em tradução livre)”, dando-lhe notoriedade internacional. E em 2020, Shiori foi eleita uma das cem pessoas mais influentes do mundo pela revista *Time*. A socióloga e feminista mais famosa do Japão, Chizuko Ueno, escreveu à época: “Shiori Ito mudou para sempre a vida das mulheres japoneses com a sua denúncia corajosa de violência sexual contra o seu agressor. Apesar do

homem acusado, próximo às autoridades policiais, ter escapado de processo penal, em dezembro Ito ganhou a ação civil movida contra ele. Sua vitória foi compartilhada com grande alegria pelos seus apoiadores. Ela impulsionou outras mulheres a promoverem o movimento #MeToo no Japão e desencadeou, em nível nacional, a *Manifestação de Flores*, um movimento de protesto contra violência sexual, no qual as mulheres simplesmente se reúnem e ficam de pé, portando flores e contando suas histórias de vítima^{vi}.

Manifestação de Flores a que Ueno se refere trata-se do movimento *Flower Demo* iniciado em 11 de abril de 2019 com o slogan #With you #Me too, organizado por mulheres indignadas com as sucessivas decisões nas quais o tribunal inocentava os estupradores, apesar de reconhecer a prática de violência sexual^{vii}. Os japoneses não estão habituados a fazer manifestações nas ruas, mas, nesse dia frio de abril, mais de 500 mulheres indignadas se reuniram em frente à estação de Tóquio para protestar contra as decisões que menosprezavam as vozes das vítimas. No website do *Flower Demo*, há a seguinte explicação sobre o movimento:

As pessoas diziam que o #MeToo não começaria no Japão. Que as mulheres japonesas não eram fortes o suficiente.

Mas a voz do #MeToo não teria sido levantada se não houvesse ninguém para ouvi-la, ninguém para lhe dar crédito.

Por isso decidimos adotar a flor como símbolo de #With You para dizer “acreditamos em você e estaremos sempre do seu lado”.

Ficou claro que o problema não eram as vítimas que não conseguiam falar, mas a sociedade que não as deixava falar. De fato, as vítimas sempre vieram falando dos seus sofrimentos. Mas era a sociedade que colocava a vítima e o agressor lado a lado, para julgar quem estava mentindo, calando assim a voz da vítima. A sociedade não era capaz de ouvir as vozes das vítimas^{viii}.

A *Manifestação de Flores*, ou *Flower Demo*, se expandiu para todo o país e continua sendo realizada em várias cidades geralmente no dia 11 de cada mês. Participei de uma das manifestações realizada em Nagoia, na província de Aichi, na noite do dia 11 de outubro de 2022. As cerca de vinte pessoas estavam reunidas numa praça no centro da cidade, entre 19 h e 19h30, portando flores e cartazes. Depois de alguns dos participantes falarem das suas experiências e opiniões, todos permaneceram em silêncio, em fileira, voltados para a Torre de TV de Nagoia.



Foto 2: Manifestação de flores em Nagoia em 11 de outubro de 2022. Os participantes portam flores e cartazes com os dizeres: “Não toleramos violência sexual”, “Flower Demo Nagoia”, “A culpa não é sua”, entre outros. Créditos: Twitter do Flower Demo Nagoya (@FD_Nagoya).



Foto 3: Depois de alguns dos participantes falarem de suas experiências, todos ficaram de pé, em fileira, voltados para a Torre de TV de Nagoia. Créditos: Eunice Suenaga

As mulheres, vítimas de violência sexual, continuam enfrentando dificuldades para denunciar os seus agressores, mas o conceito das pessoas parece estar mudando gradualmente, e as vozes das vítimas, sendo cada vez mais ouvidas.

Em março de 2022, cinco anos depois do escândalo envolvendo o produtor de filmes de Hollywood, Harvey Weinstein, em 2017, as vozes das atrizes japonesas começaram a ser ouvidas. Várias mulheres fizeram denúncias de abusos praticados pelo diretor e ator Hideo Sakaki e pelo diretor Shion Sono, acarretando várias outras denúncias. Em março de 2022, o diretor Hiroaki Koreeda, que ganhou o Prêmio *Palma de Ouro* em 2018 com o filme *Assunto de Família*, e mais outros cinco diretores, divulgaram uma carta aberta pedindo o fim de qualquer tipo de violência praticada pelos diretores de cinema. Além disso, com a iniciativa das escritoras Mariko Yamauchi e Asako Yuzuki, as escritoras mulheres que já tiveram seus romances transformados em filme publicaram um manifesto pedindo o fim da violência sexual no mundo do cinema^x.

Outra denúncia que ganhou repercussão em 2022 foi a de uma ex-membro da Força de Autodefesa, Rina Gonoï, de 22 anos. Ela sofreu abusos sexuais repetidas vezes dos seus colegas e superiores durante o treinamento na montanha mas, apesar de fazer a denúncia à corporação, nenhuma providência foi tomada. Em setembro de 2021 ela apresentou uma queixa à polícia, mas como todos os envolvidos negaram a prática de abusos, o caso não foi levado adiante. Em junho de 2022, depois de pedir demissão da corporação, ela decidiu revelar o seu caso por meio da plataforma YouTube, e em seguida iniciou um abaixo-assinado por meio do site Change.org, pedindo a criação de um comitê independente para fazer uma investigação imparcial. Diante da grande repercussão nas redes sociais, a Força de Autodefesa iniciou uma investigação em toda a corporação e, ao admitir as práticas de assédio e violência sexuais, o Ministério da Defesa pediu perdão a Rina, prometendo medidas para prevenir a ocorrência de violências semelhantes^{xi}.

Outro movimento que merece destaque é o *#KuToo* iniciado em 2019 por Yumi Ishikawa, que fez um abaixo-assinado para que as empresas parassem de obrigar suas funcionárias a usarem salto alto no trabalho. *KuToo* é um trocadilho de *MeToo*, além de *kutsu*, que significa “sapato” em japonês, e *kutuu*, que significa “sofrimento” em japonês.

Com a adesão de muitas pessoas, as empresas japonesas, geralmente com regras de vestimentas rígidas diferenciadas para homens e mulheres – por exemplo, homens precisam usar terno e gravata, e mulheres precisam usar saia e sapatos de salto alto –, passaram a eliminá-las gradualmente, permitindo roupas e sapatos mais livres para ambos os gêneros. Uma das primeiras empresas a mudar suas regras foi a companhia aérea JAL, que antes determinava que as comissárias de bordo usassem sapatos de salto de três ou quatro centímetros, e as funcionárias de terra, entre três e cinco centímetros. A companhia eliminou o limite mínimo de salto em abril de 2020, e essa prática foi seguida pela ANA, outra companhia aérea. Desde então muitas outras empresas vêm revendo suas regras de vestimenta, até que em setembro de 2021, a Universal Studios Japan (USJ) unificou completamente as regras de vestimentas para homens e mulheres^{xii}.



Foto 4: Livro *#KuToo Kutsu kara kangaeru honki no feminism* (*#KuToo: Feminismo pensado seriamente a partir dos sapatos, em tradução livre*), lançado pela Gendaishokan de Yumi Ishikawa, que iniciou o movimento exigindo que as empresas parassem de impor sapatos de salto alto para as mulheres, sem nenhum motivo plausível. Créditos: Editora Gendaishokan

As mulheres, principalmente as jovens que mostram o rosto para denunciar os abusos e agressões sexuais, são severamente atacadas nas redes sociais. No entanto, vem sendo criado um movimento no qual esses abusos e agressões são cada vez menos tolerados e as vítimas estão encontrando cada vez mais apoio para fazer esse tipo de denúncia. Ainda em 2022, uma ex-maiko, aprendiz de gueixa, Kiyoha Kiritaka, de 23 anos, denunciou os abusos sofridos quando atuava como maiko, ocasião em que ainda era menor de idade. Ela revelou que no mundo tradicional das gueixas, é comum o consumo de bebidas alcólicas pelas menores e que as práticas como a de tomar banho com os clientes eram incentivadas, gerando uma polêmica sobre até onde os abusos podem ser tolerados em nome da tradição^{xiii}.

Cotas para as candidatas mulheres nos vestibulares

Em 2018, descobriu-se que uma universidade particular de medicina, a Tokyo Medical University, veio descontando por muitos anos pontos das candidatas mulheres nos vestibulares, para que elas não representassem muito mais do que 30% de todos os aprovados, pois acreditava-se que as médicas são menos produtivas do que os médicos homens, uma vez que muitas deixam o emprego quando casam ou têm filhos^{xiv}.

No Japão praticamente não há diferença na proporção de homens e mulheres que concluem o ensino básico, mas no ensino superior essa diferença passa a ser visível. Segundo *White Paper on Gender Equality* de 2021, publicado pela Secretaria de Igualdade de Gênero do Gabinete do Governo em 2020, 50.9% das mulheres prosseguiram os estudos para o ensino superior, em universidades de quatro anos, enquanto 57.7% dos homens fizeram o mesmo e, em se tratando de prosseguir além da graduação, 5.6% das mulheres fizeram algum curso de pós-graduação logo que se formaram, enquanto essa proporção dos homens era de 14.2%^{xvi}. A diferença aparece também nos tipos de cursos escolhidos: as mulheres representam a maioria dos estudantes nos cursos de Farmácia e Enfermagem (70%), Ciências Humanas (65.2%) e Pedagogia (59.1%), mas são a minoria nos cursos de Ciências (27.8%) e Engenharia (15.7%)^{xvii}, nos quais as oportunidades de emprego com salários mais altos costumam ser maiores.

A Universidade de Tóquio, a mais renomada do país, veio se esforçando por muitos anos para que a proporção de estudantes mulheres atingisse 30% até 2021 mas não conseguiu alcançar esse objetivo. Em outubro de 2021, elas representavam 24.2% de todos os seus estudantes e, em se tratando de cursos de graduação, elas representavam apenas 19.7%. Em novembro de 2022, a Universidade anunciou que contrataria trezentas novas professoras até 2027, a fim de aumentar a proporção de professoras, dos atuais 16% para 25%^{xviii}.

Outra universidade que adotou uma medida drástica para reduzir a desigualdade de gênero foi a Tokyo Tech, Instituto Tecnológico de Tóquio, que em maio 2022 tinha apenas 13% de estudantes mulheres na graduação. Em novembro de 2022, ela anunciou que introduziria cotas para mulheres a partir de 2024, para que essa proporção chegasse a 20% até 2025^{xix}.

As escritoras femininas em destaque

E como fica no campo literário? Apesar de o país ter vivido o Período Heian entre os séculos VIII e XII, no qual as mulheres se destacaram no mundo da escrita, culminando com as obras *Narrativas de Genji*, considerado o primeiro romance do mundo, e *O Livro de Travesseiro*, ambas escritas por mulheres, Murasaki Shikibu e Sei Shonagon respectivamente, a literatura japonesa veio sendo dominada por homens nos últimos tempos. Somente neste século XXI é que as escritoras mulheres começaram a conquistar, mais uma vez, um espaço cada vez maior no mundo da chamada “literatura pura”.

No entanto, já no século passado havia aquelas que tinham começado a conquistar o seu espaço, falando da própria sexualidade, das sensações e vivências como mulheres. Rieko Matsuura, vencedora de vários prêmios literários e traduzida para vários idiomas, lançou, em 1987, o romance *Natural Woman*, que trata da sexualidade feminina por meio de mulheres que só encontram prazer no relacionamento do mesmo sexo. Justamente por não ter a presença de homens na relação, a libido feminina se manifesta de maneira mais pura, permitindo que o casal descubra os prazeres de forma mais natural e espontânea. Yoko e Hanayo, ambas com vinte

anos, são membros de uma associação de desenhistas de mangá. Yoko se sente atraída por Hanayo que, apesar de se relacionar com muitos membros masculinos da associação, nunca consegue se manter num relacionamento por mais de três meses. Ao perceber o interesse de Yoko, Hanayo se aproxima dela, dando-se início a um relacionamento amoroso. Num determinado momento, Hanayo diz à sua namorada:

“Até agora não sabia o que era desejo sexual. Mas finalmente percebi que eu também tenho libido”.

“Você nunca tinha sentido antes?”

“Comecei a sair com homens aos dezesseis, mas só tive relacionamentos enfadonhos”.

“Se eram enfadonhos, porque continuou saindo?”

“Achava que tinha que fazer isso, ou melhor, que era a coisa a ser feita. Já que nasci mulher. Você nunca pensou dessa forma?” (p. 135-136) ^{xx}

Hanayo, considerada uma mulher fácil, diz que nunca sentiu desejo sexual antes, apesar de já ter saído com vários homens, e que sentiu prazer pela primeira vez no relacionamento com outra mulher. E na passagem na qual é citada a música que dá nome ao romance, Hanayo diz que se sentiu mulher pela primeira vez quando abraçou Yoko:

“Você se lembra de ‘A Natural Woman’ de Aretha?”, assim dizendo, Hanayo colocou a concha da palma da sua mão no osso do meu quadril.

“Lembro sim”, respondi, evocando a sua melodia. “Foi composta por Carole King e Gerry Goffin”.

“É. A sua letra diz: You make me feel so alive, you make me feel like a natural woman”.

Hanayo pôs as mãos no meu ombro e no meu quadril, e me fez ficar de bruços.

“É curioso”, ela sussurrou sobre as minhas costas. “Quando te abracei, pela primeira vez na vida me senti mulher. Nunca tinha sentido isso antes, dormindo com homens”.

Mesmo assim continuou dormindo com eles, ponderei, sentindo o meu coração se dilacerar. (p. 159)

Em 1993, Rieko Matsuura lançou o romance *Oyayubi P no Shugyo Jidai* (Anos de aprendizagem do Dedão P, em tradução livre), que relata o estranho caso de uma universitária comum que se vê com o dedão do seu pé transformado em um pênis. E através dele, tenta compreender as sensações de uma genitália masculina. No romance lançado em 2007, *Kenshin* (Corpo canil, em tradução livre), é narrada a história de Fusae, que se identifica tanto com cães, deseja tanto ser um deles, que acaba fazendo um pacto com o misterioso Akeo, transformando-se num cão e passando a viver com a atraente Azusa, como seu cão de estimação.

No romance *Kinomi Kinomamade* (Só com a roupa que vestimos, em tradução livre) lançado em 2019, de Risa Wataya, vencedora do prêmio Akutagawa em 2004, é descrita a relação amorosa de duas mulheres, Ai e Saika. Ao contrário de Saika, que demonstra os seus sentimentos de forma direta e aberta, Ai reluta no início em aceitar o amor da namorada do amigo do seu namorado. O romance narra de forma minuciosa e delicada o processo do casal superar gradualmente as próprias resistências, até passar a aceitar por completo uma à outra.

Um romance que fala da ausência de libido é *Natsu Monogatari*, de Mieko Kawakami, lançado em 2019. O livro se divide em duas partes, a primeira que se passa em 2008, e a segunda que se passa entre 2016 e 2019. A primeira parte foi publicada inicialmente com o título de *Chichi ro Ran* (Seios e ovos) com o qual Kawakami ganhou o prêmio Akutagawa em 2008. Nela são narrados os acontecimentos de quando Natsuko recebe por três dias a sua irmã mais velha Makiko e sua

filha, Midoriko, com quase doze anos, que moram em Osaka. Os conflitos vividos entre Midoriko, que não quer se tornar uma mulher adulta, e a sua mãe, são narrados pela perspectiva da protagonista Natsuko. Na segunda parte que se passa quase dez anos depois, Natsuko já está com trinta e oito anos, e continua solteira. Só teve um namorado até então, e como o sexo só lhe causa sofrimento, está decidida a nunca se casar, mas sente desejo de ser mãe. Ao descobrir que há a possibilidade de ter filho mesmo sem ter um companheiro, recebendo sêmen de um doador, começa a pesquisar a respeito. Ela chega a se encontrar com um candidato a doador e a frequentar uma associação formada por filhos nascidos de inseminação artificial com doação de sêmen. O romance narra também os vários tipos de mulheres que Natsuko conhece: uma mulher casada que, apesar de odiar o marido, não opta por se separar porque acredita que não tem condições de criar a filha sozinha; uma escritora de sucesso independente, separada, que cria a filha sozinha; e uma mulher nascida por meio da doação de sêmen, vítima de violência sexual praticada pelo pai desde criança, que considera que querer ter filhos não passa de egoísmo dos pais.

Yoko Tawada é uma escritora japonesa residente na Alemanha que escreve tanto em alemão como em japonês. Ela ganhou o prêmio Akutagawa em 1993 com o romance *Inumukoiri* (Noivo cão, em tradução livre), e é considerada uma das favoritas ao Prêmio Nobel de Literatura^{xxi}. Ela diz o seguinte, sobre escrever tanto em japonês como em alemão: “Eu escrevo em alemão com o objetivo de escrever de forma diferente da escrita pelos seus nativos. Dessa forma, mesmo quando escrevo em japonês, procuro desconstruir o que é considerado japonês bem escrito ou japonês mal escrito. Ou seja, não quero ser uma pessoa que escreve bem as duas línguas. Nem tampouco quero ser alguém que abandona uma língua para usar outra; quero manter as duas línguas, ao mesmo tempo em que vou as desconstruindo. É isso que eu almejo, apesar de me sentir um tanto constrangida em admitir isso”. Ela escreve também: “Escrever romances em um idioma não é imitar ao máximo a forma usada atualmente pela maioria das pessoas. Não é reproduzir o estilo considerado o mais belo pelas pessoas dessa época. Pelo contrário, o mais importante é extrair a forma nunca antes vista por alguém, permanecendo no interior dessa língua”.

Há outras escritoras recebendo destaque internacional e sendo traduzidas inclusive no Brasil: Sayaka Murata, Yoko Ogawa, entre outras. Yoko Ogawa é uma das escritoras mais importantes e conceituadas da atualidade: ganhou o prêmio Akutagawa em 1990 com o livro *Ninshin karenda* (Diário de gravidez), em 2004 o romance *Fórmula preferida do Professor* virou best-seller ao ganhar o prêmio Honya Taisho, escolhido pelos funcionários de livrarias, e o romance *Polícia da memória* foi um dos finalistas do International Booker Prize de 2020. Sayaka Murata é uma jovem escritora que vem recebendo destaque nacional e internacional ao descrever um mundo distópico em que o senso comum e a normalidade são questionados. No Brasil, dois romances seus foram publicados pela Estação Liberdade: *Querida konbini*, com o qual a autora ganhou o prêmio Akutagawa em 2016, e *Terráqueos*.

Referências:

- i https://www3.weforum.org/docs/WEF_GGGR_2022.pdf
- ii <https://www.tokyo-np.co.jp/article/178603>
- iii <https://data.ipu.org/women-ranking?month=10&year=2022>
- iv Em 2017, o código penal referente ao crime de estupro foi revisado, e a pena para o agressor foi agravada ligeiramente, mas foram mantidos os requisitos de violência ou intimidação para constituir crime de estupro, não bastando apenas a prática do sexo não consensual.
- v <https://www.bbc.co.uk/programmes/b0b8cfcj> (não disponível)
- vi <https://time.com/collection/100-most-influential-people-2020/5888199/shiori-ito/>
- vii <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/12/mulheres-vaao-as-ruas-no-japao-pedir-reformas-em-lei-sobre-estupro.ghtml>
- viii <https://www.flowerdemo.org/about-us-in-english>
- ix <https://action4cinema.theletter.jp/posts/877aa260-a60c-11ec-a1bd-3d3b3c9fc3bd>
- x <https://statementfromtheoriginalauthors.hp.peraichi.com/>
- xi <https://www3.nhk.or.jp/news/html/20220929/k10013842271000.html>
- xii <https://digital.asahi.com/articles/ASP917DKRP91PLFA00K.html>
- xiii <https://news.yahoo.co.jp/articles/783c03336009616ef42c1ca30c6a91b79f726324?page=1>
- xiv <https://www.yomiuri.co.jp/national/20210707-OYT1T50198/>
- xv <https://news.yahoo.co.jp/byline/itokazuko/20180805-00091891>
- xvi https://www.gender.go.jp/about_danjo/whitepaper/r03/zentai/html/honpen/b1_s05_01.html
- xvii https://www.gender.go.jp/about_danjo/whitepaper/r03/zentai/html/zuhyo/zuhyo01-05-03.html
- xviii <https://www.nhk.or.jp/shutoken/wr/20211021gg.html>
- xix <https://www.titech.ac.jp/news/2022/065237>
- xx Rieko MATSUURA. *Natural Woman*. 12ª ed. Tóquio: Kawade Bunko, 1994.
- xxi https://www3.nhk.or.jp/news/special/nobelprize/2022/literature/article_12.html